

No final de 2020 recebi o convite da Verônica Michelle, Secretária Nacional da Pastoral da Juventude para escrever esta 2ª carta de amor, de 13 cartas preparatórias de um caminho metodológico para o 13º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, que acontecerá em janeiro de 2022 na Ilha do Amor, São Luís, MA. A carta seria escrita também dentro do processo de preparação para a festa dos 50 anos da PJ no Brasil, em 2023. Fui escolhido como uma das pessoas que dedicaram suas vidas a acompanhar e construir, junto com diferentes gerações de jovens, um projeto de Pastoral da Juventude que tem empolgado milhares de jovens e seus assessores adultos a entregarem suas vidas para transformar a Igreja e a sociedade brasileira, a partir de uma visão libertadora do Evangelho.

Cartas
de Amor
à PASTORAL da
JUVENTUDE

CARTA
Nº 2

CAMINHADA DE AMOR

junto às Juventudes

Há uma citação do papa Bento XVI falando para os jovens no estádio do Pacaembu, em São Paulo, em 2007 que me motiva a continuar assumindo o trabalho com a PJ como vocação e ministério: **“A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada.”** Conheço dioceses, no Brasil e em outros países, que não apresentam um rosto jovem, que se revelam cansadas, velhas, curvadas, sem energia, sem alegria, com cabelos brancos e que caminham a passos lentos. Para um precipício eclesial. **Deixar de trabalhar com os jovens não é uma opção para o futuro.**

Sem memória histórica a PJ não tem espinha dorsal, não tem identidade, não tem raízes

Por onde começar? Creio que tenho a vantagem de ser o mais velho das pessoas que vão escrever as cartas. Isso não foi difícil. Era só não morrer. Por isso passei por mais experiências. Tenho o conhecimento que vem do estudo, mas, também, da experiência sendo sistematizada por diferentes gerações de jovens. Tive a sorte de estar presente vivendo tudo isso e aprendendo com os erros e os acertos. **Os jovens e seus assessores adultos foram meus mestres.** Contribuí com a sistematização das suas intuições e ideias e assim ajudei a clarear o caminho através dos livros e documentos. **O enfoque histórico é importante para fortalecer nossas raízes e identidade.** “Frente ao desafio de evangelizar a juventude contemporânea, a Igreja não está começando do zero. Há um caminho histórico percorrido que revela uma herança muito rica. Há uma corrente através da qual uma geração de jovens e agentes evangelizadores adultos passa a experiência acumulada para outra” (Doc. 85, 49). Há uma **experiência acumulada**, de lições aprendidas e de pedagogia que precisamos levar em conta. O passado pode ser fonte de inspiração e identidade. Abre horizontes importantes para a atual geração de jovens que dá pouca importância para a memória do passado. Um povo sem memória histórica é um povo sem espinha dorsal. Uma parte do povo, por exemplo, continua elegendo políticos e presidentes corruptos devido ao seu discurso contra corrupção. **Sem memória não aprendem as lições do passado.**

Em cada década, há mudanças sociais e culturais e o espírito de cada época que precisam ser levados em conta para que o processo de evangelização dos jovens tenha raízes e seja eficaz. Há **enfoques e métodos que devem se adaptar** para melhor responder aos novos desafios e **há outros que são mais permanentes**, que são o alicerce de nossa identidade e resultados de nossas

opções pastorais e opções de vida que não mudam. Portanto, nesta carta, pensei em priorizar um enfoque histórico para, assim, contribuir com o caminho metodológico de preparação para o 13º Encontro Nacional.

Perguntei à Verônica Michelle sobre o tamanho do meu texto e ela me deu uma resposta perigosa: não tem limite. Gostei da resposta, porque, infelizmente, encontro dificuldade para fazer um texto mais curto. Apesar de ter uma agenda bem apertada, fiz questão de dedicar um tempo considerável nesta escrita pela importância do pedido. A leitura do texto leva mais tempo. Felizmente, hoje, com nossos celulares, mesmo sem tempo, encontramos tempo, numa fila de banco, no ônibus ... Peço desculpas se for grande demais. Espero que outros que me seguem não se sintam pressionados para produzir também cartas grandes.

Os Jovens da Ação Católica Especializada (AC) e a revolução metodológica

O primeiro enfoque que eu gostaria de ressaltar foi a **revolução metodológica introduzida na Igreja pelo Cardeal Cardijn fundador da Ação Católica Especializada (AC)**: JAC (jovens agrários), JEC (estudantes secundários), JOC (jovens operários), JUC (estudantes universitários). Há mudança de um **Método Dedutivo para um Método Indutivo**. O Método Dedutivo anterior que partia de teoria, de princípios, de doutrina, de somente falar para os jovens, não estava funcionando mais. O catecismo, por exemplo, era um livreto de perguntas e respostas que as pessoas precisavam decorar. A Igreja havia perdido os intelectuais e os operários e estava prestes a perder os jovens. Ela precisava sair da sacristia para encontrar com os jovens nos seus diferentes ambientes, mobilizando um grande exército que são os leigos. O novo enfoque insistiu que **a missão dos leigos vem do batismo, não de um mandato que precisava receber do bispo**. Mas para mobilizar os leigos a Metodologia Dedutiva (partindo da teoria, da doutrina) não funcionava no novo contexto cultural. A metodologia dedutiva, também, foi a base de uma Igreja piramidal e clerical que acentuava a obediência.

Junto com os jovens operários Pe. Cardijn, que era filho de pai operário, codificou o **método VER JULGAR AGIR que é hoje o método da Igreja da América Latina** e da teologia da libertação. Trata-se de um Método Indutivo, que em vez de partir do abstrato, parte da vida e da realidade que nos cerca, trabalhando os fatos, as causas e consequências (Ver), confrontando esta realidade com o Evangelho (Julgar) e saindo de nossa zona de conforto para a ação (Agir). Há uma mudança de enfoque. **O objetivo do conhecimento não é para contemplar a natureza, mas transformá-la**. Cardijn posteriormente se tornou cardeal e foi o autor do documento sobre os leigos no Concílio Vaticano II, em 1965.

A nova metodologia formava jovens com pensamento crítico, com capacidade de pensarem por si e de serem líderes – não seguidores. A metodologia exigiu, também **mudança do perfil do assessor religioso**. O assessor clerical e autoritário deu lugar a assessores com capacidade de dialogar, de caminhar juntos, de promover os jovens como protagonistas. A metodologia exigiu, também, trabalho em **pequenos grupos e o acompanhamento sistemático de grupos e de pessoas, dentro de um processo de planejamentos de metas**. A Ação Católica Especializada teve forte penetração no Brasil nos anos 60 e foi a base da teologia da libertação na América Latina. Os jovens tiveram papel importante para ajudar **deslocar a força moral da Igreja do topo para a base da pirâmide social**.

Todos sabem que o **Brasil é meu país adotivo. Sou naturalizado brasileiro e com mais de meio século no Brasil**. Mas, nasci na Irlanda. Sou o **mais velho de sete filhos**, ainda muito unidos. Nasci no meio rural. Meu pai era mineiro de carvão e seu irmão era o líder sindical que organizou uma greve dos mineiros que durou 11 meses. Eu tinha 9 anos. Numa celebração pública, na Igreja local, o bispo denunciou meu tio como comunista. Eu admirava-o pela clareza que tinha de que o seu compromisso era com Jesus Cristo e não com o bispo. Continuou como católico praticante e ao longo prazo sua luta social foi bem sucedida. Ele era ativista político e místico ao mesmo tempo. Tipo **Gandhi**. Seu compromisso com a justiça social sempre me inspirou. Morava numa aldeia que

não tinha escola secundária e, portanto, eu precisava fazer a viagem de 40 quilômetros, ida e volta, todo dia, de bicicleta, para o colégio mais próximo – inclusive no inverno rigoroso de neve, geada, chuva. Sou o filho mais velho da família e não havia dinheiro para pagar um colégio interno. Terminando, o colégio decidi ser missionário, entrando na Congregação do Espírito Santo (Espiritanos).

Minha primeira experiência com grupo de jovens foi como seminarista, nos anos 60, quando assessoriei dois grupos de jovens em duas escolas, usando a metodologia da Ação Católica Especializada (JEC). Tive a sorte de participar de diferentes treinamentos na Inglaterra que foram a base da minha compreensão metodológica posterior. Chegando no Brasil, em 69, a experiência da AC estava no final. Não resistiu às investidas da Ditadura Militar e aos conflitos com a Igreja institucional. Mas aconteceu uma coisa surpreendente. A AC terminou como corpo organizado, mas sua metodologia e suas grandes teses foram sendo assumidas por toda a Igreja, em diferentes pastorais. O documento de Medellín, em 1968, confirmou esta nova metodologia. **A sistematização da Pastoral da Juventude, nos anos 70 em diante, deve muito à recuperação da memória e enfoques da AC.** No caminho metodológico para o 13º Encontro Nacional há temas que precisamos sempre visitar para consertar as lacunas: a necessidade de estratégias para formar e acompanhar **novos grupos de jovens, a formação de coordenadores, a conquista e formação de assessores religiosos e laicos.**

Os Movimentos de Encontro provocaram o surgimento de muitos grupos paroquiais que posteriormente se tornaram a sementeira da PJ

Na década de 70 há o fortalecimento da **ditadura militar**. Os **movimentos de encontro**, baseados na metodologia do Cursilho de Cristandade, desenvolvem uma **metodologia que se adapta a esta nova realidade** de fechamento político, com sua ênfase no testemunho pessoal, forte **impacto emocional, exclusividade dada aos problemas pessoais e à visão do problema social como resultado apenas do egoísmo pessoal**. Muitos dos encontros se baseavam num livro, “Treinamento de Liderança Cristã (TLC)”, escrito pelo Pe. Harold Rahm SJ que adaptou o manual do Cursilho para jovens, assim facilitando a reprodução no país todo. Em muitas dioceses milhares de jovens esperavam em filas para fazer os encontros, houve muita empolgação e muita gente achava que a Igreja havia encontrado a fórmula mágica para evangelizar os jovens.

O primeiro questionamento desta nova metodologia começa, em 1974, quando um grupo de padres que havia passado pela experiência da Ação Católica Especializada, nos anos 60, organizou uma **assembleia da Pastoral da Juventude do Regional Sul I CNBB** (Estado de São Paulo) para iniciar uma pastoral orgânica da juventude. A assembleia concluiu com um documento “Princípios e Diretrizes da Pastoral para Juventude” que foi aprovado numa assembleia dos Bispos do Sul I, na semana seguinte. O documento foi importante porque **inicia uma retomada da metodologia da AC**. Ao mesmo tempo, há um questionamento da metodologia de impacto emocional. Percebe-se grande rotatividade nos grupos de jovens que se formavam nas paróquias depois dos encontros. Os jovens estavam **confundindo fé com emoção**. A metodologia de impacto emocional estava esvaziando a dimensão intelectual da fé. A fé é uma opção de vida que **não pode depender de uma emoção que vai e vem**. Depois de alguns meses os jovens não sentiam mais a mesma emoção e se afastavam achando que tinham perdido a fé. Mas, ao mesmo tempo, na medida em que as lideranças começavam a organizar os grupos paroquiais nas dioceses, começa a surgir o germe do que seria chamado posteriormente a Pastoral da Juventude. Na época participei como assessor da PJ da Arquidiocese de São Paulo e do Estado.

A organização de uma Pastoral Orgânica de Juventude (PJ)

Refletindo sobre os 50 anos da PJ no Brasil que celebraremos em 2023 **é importante destacar o papel do 4º Encontro Nacional da Juventude em 1984**. Os encontros **nacionais anteriores** (1973, 1976, 1980) não deslançaram um processo de continuidade, porque participaram convidados, não delegados.

Em 1982 o Assessor Nacional da CNBB, Pe. Hilário Dick SJ, convocou uma reunião de uma semana, no Rio de Janeiro, com lideranças, de modo especial, do Nordeste e do Sul. A reunião foi a primeira tentativa de pensar um projeto nacional de pastoral da juventude. Apesar de tensões, foi um passo importante. Em 1984 fui nomeado como Assessor Nacional da CNBB. Havia urgência de pensar em algo para o Ano Internacional da Juventude em 1985 e por isso convocamos o 4º Encontro Nacional. Participaram delegados de todos os regionais da CNBB. **O 4º Encontro Nacional marcou os próximos anos, porque deslanchou um processo** em que os jovens assumiram como protagonistas a construção de um novo projeto de Pastoral da Juventude ou PJ, elegendo uma coordenação nacional de jovens para dar continuidade, escolhendo prioridades pastorais, planejando encontros anuais nacionais e, no ano seguinte, elegendo uma Comissão Nacional de Assessores.

Assim **nasce uma pastoral orgânica de juventude (PJ)** a partir dos grupos paroquiais (resultado em grande parte dos encontros), inspirada na Teologia da Libertação e nos documentos do episcopado da América Latina, Medellín e Puebla. Resgatando a rica experiência da Ação Católica, a **metodologia acentua a formação dos pequenos grupos, a organização dos grupos em redes, o planejamento participativo, a capacitação de líderes jovens e assessores adultos, o engajamento na transformação social e a espiritualidade encarnada.** Há um rico período de elaboração teórica que clareia e define o projeto de pastoral que é publicada em documentos, cadernos de estudo e livros. É importante destacar aqui certa **confusão de terminologia.** O termo **Pastoral da Juventude tinha dois sentidos:** 1. PJ, a pastoral que nasce a partir dos delegados dos regionais (e dioceses) que participaram do 4º Encontro e, posteriormente, dos encontros nacionais anuais seguintes; e 2. O termo Pastoral da Juventude que abrange todo o trabalho de evangelização dos jovens, incluindo os movimentos apostólicos etc. Em muitos documentos da Igreja o termo “Pastoral da Juventude” é usado neste sentido geral. Na proposta de organização do Setor Juventude, no documento 85, esta ambiguidade está mais clara.

O desafio de trabalhar uma Formação Integral que evitasse reducionismos: reduzir a PJ a ala jovem de um partido político, a uma clínica psicológica (para resolver problemas pessoais) ou um espiritualismo desencarnado da realidade

O 4º Encontro Nacional aconteceu no **contexto de um forte despertar e politização da sociedade civil,** no seu esforço de pôr fim a uma ditadura de 20 anos, assim mobilizando os advogados, os estudantes e a volta dos exilados. Ao mesmo tempo aparece a liderança de Lula nas greves do ABC e a fundação do PT. Há também a centralidade da **Cultura Moderna** (com suas utopias políticas), a centralidade da razão e as utopias políticas que visavam a transformação da sociedade. Ao mesmo tempo, a Igreja assumia posições cada vez mais proféticas a partir de Medellín e Puebla e agora assumindo os enfoques e metodologia da AC. Os bispos da América Latina, em Puebla, decidem que os **dois grupos prioritários no continente são os pobres e os jovens.**

Recordo, como assessor nacional, rodando diferentes assembleias diocesanas, e descobrindo que a maioria dos delegados tiveram uma militância política e social. Tratava-se de uma **geração de jovens que lia muito, estudava muito e discutia muito. Conto a seguinte história para ajudar a captar o espírito da época.** Fui entrevistado num programa de televisão sobre o trabalho com a juventude, por volta de 2009. Cheguei com antecedência para conversar com o entrevistador. O entrevistador se chamava Edinho Silva, deputado estadual e formado em ciências sociais. Antes de iniciar o programa ele me contou sua história. No início dos anos 80 participava de um grupo de jovens em Araraquara, SP. O grupo decidiu estudar um novo livro meu que tinha acabado de ser publicado, **“Juventude, O Grande Desafio”.** O grupo estudava e discutia um capítulo diferente, cada semana. Em 1985 o grupo fundou o Partido dos Trabalhadores (PT), na cidade. Em 1992 Edinho foi eleito vereador em Araraquara, conquistou segundo mandato em 1996, em 2000 foi eleito prefeito da cidade e conquistou seu segundo mandato em 2004. Em 2010 Edinho foi eleito deputado estadual. Em 2015 foi convidado pela presidente Dilma Rousseff para assumir como Ministro de

Comunicação Social da Presidência da República. Em 2020 foi reeleito para seu 4º mandato como Prefeito de Araraquara, ano em que Araraquara recebeu um prêmio por atuação no combate à Covid-19, no estado de São Paulo. A história revela o **poder extraordinário de um pequeno grupo de jovens**. [Clique aqui para assistir a entrevista.](#)

A participação política era algo muito positivo. Mas o desafio foi como evitar que a **PJ caísse em reducionismos**. Houve **crítica de padres e bispos que os jovens reduziam a evangelização a política**, não rezavam e perdiam a dimensão da fé. Nos próximos anos houve importante avanço na sistematização de **dois temas para garantir maior equilíbrio: As Cinco Dimensões da Formação Integral** e a importância de não queimar as **Etapas da Educação na Fé**. Os dois se tornaram temas centrais do novo projeto. No momento de maior conflito a equipe de coordenação nacional elaborou uma **estratégia que facilitou o diálogo**. Elaborou um texto em que elencou importantes avanços dos anos anteriores e, também, desafios que ainda enfrentava, incluindo o perigo de reduzir a PJ a ala jovem de um partido político, de não valorização a educação na fé e o vanguardismo de alguns coordenadores que se afastavam das bases e não respeitavam o ritmo dos iniciantes. No momento de apresentar este texto para o **Conselho Permanente da CNBB** deixamos claro que concordamos com certas críticas e tensões (os desafios), tensões que fazem parte do processo de evangelização. Deixamos claro, também, que a tarefa de encontrar equilíbrio não deve ser somente do assessor religioso ou coordenador jovem, mas de **toda a Igreja que é responsável pela evangelização da juventude**. Era fácil ficar em cima do muro, somente atirando pedras. Como resultado muitos canais de comunicação foram desbloqueados nos anos seguintes.

Percebemos, também, que nos conflitos é necessário trabalhar o autoritarismo de setores do clero mas, também, o vanguardismo, a vaidade pessoal e a luta de poder que também está presente no meio do idealismo dos jovens. **A crítica e a autocrítica devem ser dois lados da mesma moeda**. Yallon, um estudioso de grupos, afirma que no centro de todo trabalho de grupo duas coisas estão sempre presentes: **o amor e o poder**. A luta de poder faz parte da psicologia humana e precisa ser trabalhada, destacando, de modo especial o conceito evangélico de poder como serviço, não como dominação. Há **necessidade de administrar os conflitos**, dentro e fora da PJ, caso contrário não avançamos.

O Documento 85 propõe uma nova maneira de organizar o trabalho pastoral com jovens

Em 2005, a CNBB inicia o processo de elaboração de um novo documento sobre a evangelização da juventude que acaba tendo influência profunda sobre a maneira de organizar a juventude na Igreja. Em 2007 é aprovada na Assembleia da CNBB o que se tornou conhecido como o **Documento 85, “Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas pastorais”**. Como resultado a juventude se torna, de novo, prioridade pastoral da Igreja. Eu **fui relator da comissão** que redigiu o documento, e portanto, acompanhei de perto todo o processo. Os bispos deixaram claro que queriam um documento para todos que trabalham com a evangelização da juventude e não somente a PJ. Este pedido foi positivo, porque agora temos, pela primeira vez, um documento que aceita os carismas diferentes, mas, ao mesmo tempo, abre horizontes para um projeto pastoral libertador em comum.

O documento propõe as seguintes LINHAS DE AÇÃO:

- 1ª Formação integral do discípulo(a)
- 2ª Espiritualidade
- 3ª Pedagogia de formação
- 4ª Discípulos e discípulas para a missão
- 5ª Estruturas de acompanhamento
- 6ª Ministério da assessoria
- 7ª Diálogo Fé e Razão
- 8ª Direito à vida

Há uma nova proposta de organização da ação pastoral que afeta a PJ em todas as dioceses.

Falando das Estruturas de Acompanhamento, o documento propõe a articulação de uma coordenação mais ampla que engloba a PJ e os movimentos (Instância de articulação ou Setor Juventude) e, ao mesmo tempo, acentua a necessidade de **manter os espaços próprios (Instância de diferentes coordenações)** onde as pastorais e movimentos possam **aprofundar sua identidade, metodologia e acompanhar sistematicamente suas bases**. O documento explica a motivação: “há uma multiplicidade de experiências na evangelização da juventude no Brasil, cada uma com sua organização e espaços de formação e atuação. Há necessidade de uma instância mais ampla - Setor Juventude - para unir e articular forças num trabalho de conjunto, à luz das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Todas nascem da necessidade de organizar, planejar e avaliar a ação evangelizadora, tanto na comunidade como nos diferentes meios em que os jovens vivem. Tem sua própria mística, metodologia, identidade e organização” (doc. 85 191). Esta nova organização está presente, hoje, em quase todas as dioceses do país.



Mas há dificuldades. Uma nova estrutura organizativa que nasceu para facilitar maior união e eficácia, num ambiente de pluralismo pastoral, em alguns lugares, está tendo o efeito contrário. Porém, há outros lugares onde a PJ trabalha integrada com o Setor Juventude e, às vezes, é seu principal articulador. Em nível nacional, se utiliza o termo “Pastoral Juvenil”. As dificuldades estão também acentuadas. Chama a atenção que o termo “PJ” ter desaparecido do vocabulário usado. **Há a impressão que nem sempre a proposta do documento 85 foi estudada.** Há o **desafio de construir pontes**.

Em alguns lugares, de modo especial em grandes cidades, a **PJ se tornou uma pastoral marginal** com pouco ou nenhum contato com o Setor Juventude que, por sua vez se tornou o centro de articulação diocesano da juventude. Em outros lugares, porém, a PJ faz ponte com o Setor Juventude e **passa por um processo de renovação** da sua organização, assessoria e enfoques metodológicos, chamando atenção para a volta às bases e a renovação das estruturas de acompanhamento.

Prioridade de treinamento de Líderes

Quero partilhar com vocês uma experiência que temos no CCJ e que tem ajudado muito a enfrentar as diferentes crises. No CCJ priorizamos cursos de treinamento de líderes, o que o chamamos de **cursos de CDL (Curso de Dinâmica para Líderes)**. Há diferentes níveis para atender diferentes necessidades. Colocamos os cursos a disposição de quem queira usá-los junto com o material pedagógico necessário, sem custo. Cada diocese tem total liberdade para fazer as adaptações necessárias.

No momento os cursos estão nos seguintes estágios de evolução:

- **CDL 1º Nível:** para **iniciantes** e líderes é o curso mais multiplicado.
- **CDL 1º Nível Social/Ecumênico:** para participantes de **movimentos sociais** que incluem diferentes religiões. As adaptações foram feitas a partir de cursos aplicados para as lideranças do **MST Leste 1, de São Paulo**, que com seus 30 grupos que reivindicam moradia social.
- **CDL 1º Nível para adultos:** o curso é administrado também para adultos em nível paroquial para facilitar a formação de grupos de jovens e **entrosamento adultos/jovens** em nível paroquial. E também para ajudar o adulto a desenvolver suas atividades de liderança com mais qualidade em outras pastorais e na vida.

- **CDL 2º Nível:** para militantes ou **pessoas com uma caminhada na PJ** ou outras pastorais. Os líderes precisam de uma formação mais profunda.
- **CDL Musical 3º Nível:** Trabalha com a **parte criativa dos jovens (música, canto, dança, coreografia, instrumentos musicais, teatro, celebrações)**. A publicação do manual com as dinâmicas está prevista para o **início de 2021** e um curso nacional para o final do mesmo ano.
- **CDL Assessores 4º Nível:** Para fazer frente à crise de assessoria adulta, conquistar e treinar assessores. Este curso terá como texto base o novo livro “Assessor adulto e coordenador jovem: Uma parceria invencível” de Jorge Boran. Temos novas dinâmicas já testadas e novas palestras, mas falta sistematizar e integrá-las na engrenagem de um curso e publicar o manual para facilitar a multiplicação. O lançamento está planejado para **2022**.

Os cursos têm encontrado muito sucesso e foram multiplicados em mais de **115 dioceses no Brasil e 8 países** da América Latina, na Europa, África e Estados Unidos. As dinâmicas facilitam a adaptação a diferentes culturas. Os diferentes níveis têm **conteúdo diferentes, mas seguem uma metodologia semelhante**. Há mais de **500 monitores** que trabalham com a multiplicação dos cursos em diferentes dioceses no país.

O sucesso dos cursos é resultado de vários fatores.

Os jovens não são somente ouvintes há uma variedade de dinâmicas onde **aprendem fazendo**, se trabalha muito o **lúdico**, há ambiente de **alegria**, os **laços afetivos** formados são muito fortes e facilitam a continuidade, há integração entre o **intelectual e o emocional**, há **temas essenciais** que são repetidos para cada nova geração de jovens que chega, há um **compromisso de multiplicação** para atingir mais pessoas, há um sistema de **treinamento que é único** e que exige seriedade, compromisso e profissionalismo. Há **apoio de manuais, DVDs de treinamento**, atualização do material pedagógico no **Dropbox do CCJ, palestras em PowerPoint** que podem ser modificadas, há **apoio presencial de monitores do CCJ ou apoio virtual**, através de vídeo conferência, para treinar as equipes locais. Trata-se de um instrumento pedagógico que **facilita o protagonismo dos jovens**. O entusiasmo criado é fator importante na **continuidade**, na diocese ou paróquia, como participantes, como equipes de coordenação ou formando novos grupos de jovens. Os **jovens adquirem diferentes habilidades**: mais autoconfiança, maior capacidade de escutar os outros, de estudar, de organizar e comunicar suas ideias, de coordenar e de motivar seus grupos, de pensamento crítico e de unir fé e vida, fé e justiça social e uma espiritualidade encarnada. Aprendem os tipos de coordenadores negativos que devem ser evitados. Os cursos, também, resolvem um desafio da PJ em muitas dioceses onde as **lideranças se afastam quando terminam seus mandatos**, casam etc., assim perdendo líderes de muito valor porque não encontram novos desafios. Trabalhar nos cursos, como monitores, tem sido uma maneira de continuar motivando estas pessoas e aproveitar seus talentos e experiências para fortalecer a PJ local. Evita, também, outro desafio, em alguns lugares: “dinossauros” que não abrem espaço para que os novos possam testar suas asas e voar.

Manual do curso traduzido para quatro línguas



O desafio de conquistar e treinar assessores adultos (leigos e religiosos)

Nos últimos anos está ficando claro que estamos passando pela **pior crise de assessoria adulta dos últimos 50 anos** e que o fortalecimento do projeto da PJ nos próximos anos passa pela conquista e treinamento destes assessores. Nos regionais e dioceses onde a PJ está em crise há **tendência de substituir a assessoria religiosa pela assessoria somente de leigos**, de modo especial, jovens mais velhos. **A questão não é tanto, ser religioso ou leigo**, mas de qual é o peso do assessor(a) ou da comissão de assessores frente à Igreja institucional para conquistar apoio e se integrar na pastoral orgânica da diocese. Qual a preparação e processo de nomeação para trabalhar a função específica do assessor, que é diferente do coordenador jovem. **O assessor deve ser ponte e para ser ponte deve ter apoio dos jovens e do clero. Deve ter trânsito nos dois lados.** O assessor adulto pode ser comparado ao **técnico de time de futebol**. O técnico não entra no campo

para jogar, mas, sem ele, não se ganha campeonato.

Portanto, **há necessidade de conquistar assessores**. Não aparecem espontaneamente, porque, também, os bons são muito procurados por outras pastorais. Há necessidade dos padres, religiosos e bispos se aproximarem dos jovens. O que mais assusta é o fato de que algumas dioceses, aparentemente, não priorizam mais a assessoria dos jovens e não dialogam com a PJ sobre a indicação de assessores religiosos, ou se prioriza somente o Setor Juventude. Para clarear o papel do assessor e estratégias para conquistar e treinar novos assessores publiquei, recentemente, **um novo livro “Assessor adulto e coordenador jovem: Uma parceria invencível”**¹. No início de 2021, será publicada a edição em espanhol, em diferentes países da América Latina.

A necessidade de ter clareza de projeto pastoral e, ao mesmo tempo, de se adaptar às novas circunstâncias

Uma das lições mais importantes que aprendi trabalhando com jovens foi a necessidade de ajudar coordenadores e assessores a terem clareza do projeto pastoral. É o **projeto pastoral que determina o tipo de jovem a formar, o tipo de Cristo, o tipo de Deus, o tipo de espiritualidade e a metodologia para chegar aos seus objetivos, se a proposta trabalhada é mais libertadora ou mais autoritária, mais participativa ou mais clerical. Ao mesmo tempo é fundamental a capacidade de interpretar as mudanças no contexto social e eclesial em que trabalhamos e fazer as adaptações necessárias**, sem perder a identidade da PJ. Se coordenadores e assessores adultos não evoluem, não vão entender a cabeça dos novos adolescentes que estão chegando nos grupos paroquiais. E, **se não partirmos das aspirações e necessidades sentidas destes jovens, não conseguimos motivá-los e conquistá-los e, portanto, ficamos isolados em nossas bolhas**.

Adaptar não significa mudar tudo. Às vezes, significa mudar o ponto de partida, os acentos etc. A PJ nacional está agora passando por um processo de **avaliação, na preparação do 13º Encontro da PJ** em janeiro de 2022. Escutei um jovem dizendo **“precisamos mudar a metodologia da PJ porque não está funcionando”**. Como assim? Porque não está funcionando? Pode ser porque não estamos usando a metodologia da PJ. Em alguns lugares há uma geração que não conhece mais a metodologia da PJ. Vamos substituir o acompanhamento sistemático de grupos e pessoas, um planejamento de metas, a capacitação técnica para acompanhar as estruturas participativas de acompanhamento, a formação integral, o Ver Julgar Agir? Depois de jogar fora o bebê com a água suja vamos substituí-lo com o que? Há sempre o perigo de ficar em equipes de coordenação sem base, que vivem em tribos, e decretam soluções nas suas reuniões, sem estarem dispostas a fazerem o trabalho de base necessário.

Voltando a parte histórica. Em 1996 terminei doutorado na área de liderança comunitária, na Universidade de Fordham, nos Estados Unidos. Na tese pesquisei o papel dos assessores adultos bem sucedidos na Pastoral da Juventude nos Estados Unidos e na América Latina. **Na década de 90 em diante**, há mudanças profundas na sociedade e um número significativo de **coordenadores e assessores adultos acostumados a trabalhar num ambiente muito intelectualizado e politizado, encontram grande dificuldade de fazer a transição**. Em 1989 a queda do Muro de Berlim se torna momento simbólico de mudanças culturais e políticas profundas. O capitalismo neoliberal e a cultura pós-moderna se fortalecem. **Há uma crise das utopias e a centralidade da razão se desloca para a centralidade das emoções** e a importância de **eventos de massa**. No novo ambiente de cultura pós-moderna, os movimentos internacionais, como a Renovação Carismática e as Novas Comunidades, se fortalecem. Ao mesmo tempo, a Igreja se revela mais conservadora e há uma crise da pastoral orgânica que tem seus reflexos na organização da PJ. **Há crise** de grupos, das estruturas organizativas de acompanhamento e de assessores adultos. Faltava entender a necessidade de uma **nova síntese entre o intelectual e o emocional**.

¹ Boran, J. (2020). “Assessor adulto e coordenador jovem: Uma parceria invencível”. São Paulo: Editoras CCJ e Paulinas. Link para compra: <https://ccj.shopping.marketup.com/>

Conclusão

O ano 2020 foi um ano em que o mundo foi paralisado pela pandemia COVID-19. Foi um ano em que a PJ conseguiu manter vivo seu projeto de evangelização da juventude utilizando, de maneira muito criativa, as novas plataformas da internet: E-mail, WhatsApp, Zoom, Google Meet, Facebook, YouTube, Instagram. Agora com a perspectiva de novas vacinas para combater o vírus, o desafio da PJ vai ser como retomar a articulação presencial de grupos, **renovando** a organização, assessoria e enfoques metodológicos, chamando a atenção para a volta às bases e à renovação das estruturas de acompanhamento. A articulação virtual precisa ser complementada com a articulação presencial. Um abraço virtual não é a mesma coisa que um abraço presencial.

Não é pouca coisa celebrar 50 anos (meio século) da PJ. São diferentes gerações de jovens que passaram a peteca de uma geração a outra. Eu me sinto **privilegiado de ter feito parte desta caminhada** e de ter ajudado a devolver para os jovens suas próprias ideias, de uma maneira mais sistematizada, através dos meus livros e escritos e assim clarear a caminhada para frente. Sinto que recebi mais do que dei. No início, fui uma pessoa um pouco ingênua, mas o questionamento e a convivência com os grupos de base e as equipes de coordenação da PJ, nos diferentes níveis, no Brasil e América Latina, ampliaram meus horizontes. Eu estudei teologia na Irlanda, mas aprendi teologia no Brasil. O título escolhido pela PJ Nacional foi “Cartas de Amor”. Foram de igual importância os laços afetivos que formei com milhares de jovens e assessores adultos durante estes últimos 50 anos e que me sustentam emocionalmente. Hoje trabalho com “jovens” dos anos 70 que continuam ajudando voluntariamente com a parte administrativa, na Diretoria do CCJ. **Às vezes, sou crítico** dos erros da PJ – até demasiado direto. Mas é a crítica construtiva do psicólogo que sabe que não pode ficar somente elogiando seu cliente. Com a idade vou adquirindo mais jeito de dizer as coisas.

Tenho convicção que **o projeto pastoral da PJ não pode morrer**, porque se morrer, morre um modelo de Igreja que não pode morrer. O que me sustentou em termos de fé e de compromisso com a construção do Reino – nestes 50 anos - foram a **convivência com muitos jovens que admiro** pelo seu testemunho de uma fé madura e crítica, e sua dedicação e compromisso com um projeto pastoral libertador que une fé e vida e que tem como sua estrela norteadora a opção evangélica pelos mais pobres. São leigos comprometidos que estão na linha da frente, desmontando a manipulação da religião por forças políticas para promover a teologia da prosperidade, desmontando o ódio, a divisão e uma sociedade cada vez mais desigual que esmaga o pobre. O futuro da Igreja depende de um laicato maduro e **a PJ foi a principal “fábrica” que despertou e formou leigos maduros, durante estes últimos 50 anos.** Como dizia Bonhoeffer “A Igreja precisa pregar o evangelho a um mundo que se tornou adulto”. Uma história de amor que luto todos os dias para que não deixe de existir, seja criticando construtivamente, seja escrevendo livros e artigos, seja incentivando a formação de novos líderes, assim amo a juventude e contem sempre com este amor. Parabéns aos jovens que antecederam vocês nesta estrada e foram capazes de provocar este encantamento e parabéns a vocês que se deixaram encantar e estão dispostos a escrever a história dos próximos 50 anos de amor ao projeto de Jesus Cristo através da PJ.

Jorge Boran, cssp.

DESTINATÁRIO: PASTORAL DA JUVENTUDE
ENDEREÇO: GRUPOS DE JOVENS DE TODO BRASIL

